

O LAR E O BOTEQUIM

*Maria Izilda Santos de Matos**

Resumo: Recentes preocupações da historiografia vêm favorecendo a focalização das representações femininas e masculinas sob uma perspectiva de gênero. Este trabalho, convergente com essas preocupações, pretende analisar as representações de gênero, em particular da masculinidade, emergentes nos discursos médico e musical no período de 1890 a 1940. Centrando a análise na denominada “questão do alcoolismo” e nas representações da figura do ébrio, esta pesquisa está organizada em duas partes. Na primeira pretende-se focalizar, por meio de uma ampla documentação médico-higienista-eugênica, os perfis de masculinidade e feminilidade presentes e reificados nas campanhas antialcoolismo. Já na segunda, procurando enfocar outras “vozes”, a investigação centrar-se-á na produção musical que tematiza o boêmio e o mundo da boemia.

Palavras-chave: estudos de gênero, antialcoolismo, boemia

Recentes preocupações da historiografia vêm favorecendo a focalização das representações femininas e masculinas sob uma perspectiva de gênero. Este trabalho, convergente com essas preocupações, pretende analisar as representações de gênero, em particular da masculinidade, emergentes nos discursos médico e musical no período de 1890 a 1940.

Centrando a análise na denominada “questão do alcoolismo” e nas representações da figura do ébrio, esta pesquisa está organizada em duas partes. Na primeira pretende-se focalizar, por meio de uma ampla documentação médico-higienista-eugênica, os perfis de masculinidade e feminilidade presentes e reificados nas campanhas anti-alcoolismo. Já na segunda, procurando enfocar outras “vozes”, a investigação centrar-se-á na produção musical que tematiza o boêmio e o mundo da boemia.

CORRENTE DE REFORÇO MÚTUO: AS CAMPANHAS ANTIALCOÓLICAS

O combate ao alcoolismo por meio de campanhas foi freqüente e constante no período de 1890 a 1940, ele se intensificou em 1919-20 – época da Lei Seca nos

* Maria Izilda S. de Matos, Profa. Dra. Titular da PUC/SP e Coordenadora do NEM-PUC/SP. *Trama e poder*. 3. ed. Rio de Janeiro, Sette Letras, 1997. *Melodia e Sintonia: o masculino, o feminino e suas relações em Lupicínio Rodrigues*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1996. *Gênero em Debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea* (org). São Paulo, EDUC, 1997. *Dolores Duran: experiências boêmias em Copacabana nos anos 50*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1997.

Estados Unidos – polarizando defensores a favor e contra a instauração da mesma medida no Brasil, aparecendo também uma variada gama de outras opções de ação.

Nos discursos das campanhas¹ a família é identificada como a célula da sociedade, devendo ser regenerada, civilizada e higienizada no processo de construção de uma sociedade eugênica. Nesse processo e com ele, os papéis são definidos: à mulher o papel de mãe, cabendo ao homem a função de pai-provedor. O homem teria sua função social de provedor viabilizada pelo trabalho, fonte básica de auto-realização, veículo de crescimento pessoal, sendo através do trabalho reconhecido como homem. Sem o trabalho o homem não poderia ser considerado como tal. Desta maneira, o sucesso da estratégia discursiva residia no fato de transformar o trabalho – um dos princípios do sistema – em padrão de masculinidade.

Os discursos eram majoritariamente dirigidos para os homens, apontavam como o alcoólatra sacrificava a profissão, a família e a dignidade, envolto em apatia, indiferente, sem energia, incapaz para o trabalho. Centrando-se na importância do trabalho, procurava-se reforçar a identificação masculina com o trabalho, seu papel de provedor, logo, bom chefe de família. Nesse discurso reforçava-se a necessidade do homem de ser resistente, jamais manifestar dependência, sinais de fraqueza, principalmente devendo ser metódico, atento, racional e disciplinado. Assim, refletem, cristalizam e mandam como mensagem um ideal de masculinidade, exprimindo e condicionando o ser homem e trabalhador nesse período.

Valorizava-se o homem por sua capacidade de ação, praticidade e objetividade, sucesso, força e iniciativa, e vinculavam-se os atributos da virilidade ao trabalho, que deveria desempenhar uma função central na vida do homem, fazendo-o sentir-se reconhecido e aceito socialmente. O trabalho cumpria também a função de nomear o mundo subjetivo do homem, fazendo-o por meio de uma tentativa de eliminar o que nele há de duvidoso, impreciso e disforme.

O trabalho era identificado com o masculino. Nesses discursos, qualquer outra atividade feminina, que não fosse a de mãe e esposa, realizada no aconchego do lar, passou a ser entendida como acessória e desviante. Longe de ser pensada como um absoluto, a masculinidade, atribuída ao homem, é relativa e reativa, sendo que o casamento trazia a idéia de contrato: para a mulher, o provento masculino; para o homem, a fidelidade e os cuidados femininos. Assim, predominava a representação simbólica ideal da mulher dedicada às tarefas do lar, enquanto o trabalhador masculino deveria assumir seu papel de único arrimo de família.

1 A vasta produção médica consultada constitui-se de textos destinados a públicos diferenciados, e portanto dotados de linguagens distintas. Foram encontrados desde monografias e ensaios experimentais tecnicamente sofisticados, estudos de casos e teses acadêmicas, passando por boletins mensais e anuários, até folhetos explicativos, material de campanha e também muitas palestras e conferências. Essa heterogeneidade, contudo, unificava-se pela necessidade de difusão de uma ação contra o alcoolismo.

O discurso médico, em particular o eugenista, questiona o trabalho feminino fora do lar², pois este podia ameaçar a estratégia de regeneração social, a ausência feminina afetava as tarefas e a higiene domésticas, podendo abalar a família. Além do mais, se o lar não fosse aconchegante o homem iria procurar o bar, o botequim, caindo no alcoolismo.

O alcoolismo, o jogo, o crime, a vagabundagem e a miséria são atrelados, apontados como consequência direta sobre o homem, sua família e a sociedade.

“Com o alcoolismo observa-se a perda total da dignidade de seu chefe, abdicando todo o sentimento de honestidade e decoro, e tratando com brutalidade a esposa, companheira infeliz de sua decadência, e aos filhos, cujo exemplo e herança lhes marcam o extenso caminho da desgraça. Uma das causas, além de tantas outras, que corta fundo a harmonia da família (...). Quantas vezes, ao chegar a casa, na encantadora paz do lar, a delicada esposa, que logo sente as evaporações alcoólicas de seu marido, observa-lhe em voz suave: – Tu já bebeste pelos botequins?(...) Uma querida filha que, por seu turno, se aproxima dele, diz-lhe também em linguagem doce: – Papai bebe pinga?(...) São verdadeiros poemas de lágrimas, predizendo o negro futuro de uma desolada família (...) acharemos o homem no desmazelo completo, preguiçoso, na retrogradação anima, para o bruto, a confundir-se com a fera, sem mais prover a manutenção da família, se ele vive de seu salário, ou se, na vida libertina, do jogo, ou da embriaguez tem esbanjado os seus haveres (...) a família sofrimento e martírio”.³

No contraponto da esposa, dedicada, boa mãe, responsável pela “encantadora paz do lar”, esboça-se o modelo de pai, associando-o à masculinidade, fortalecendo a imagem de um pai que tem de ser provedor, do ponto de vista material, chefe autoritário, fundador da família, tudo deriva dele e tudo vai para ele, pai protetor e temido, com seus olhos fiscalizadores, defendendo a disciplina, a moral e a punição, baseado no cumprimento dos seus deveres e na sua autoridade, querido e respeitado por todos.

O ser trabalhador-provedor vincula-se à paternidade. O pai, além de provedor da alimentação, abrigo e amparo, deveria ser também exemplo, o norte, a bússola. As denominações de bom pai, pai honrado, pai provedor se encontram sobrepostas às evidências do que seja o masculino, reforçam a imagem que socialmente se espera de um homem.

2 O trabalho fabril feminino provocava a indignação dos médicos, revestida, na maior parte das vezes, de preocupações morais, sendo condenado, considerando-o prejudicial à saúde, à prole e à moralidade. Apontavam as suas consequências nocivas: tuberculose, prostituição, abandono das crianças e do lar e o alcoolismo. O trabalho fabril era visto como um desperdício físico de energias femininas e como fator de dissolução da saúde e da capacidade de desempenho das funções de esposa e mãe, além de elemento nocivo à moralidade, comprometendo a dignidade feminina, culpado pela mortalidade infantil e responsável por desordens sociais. Desta forma, percebe-se que o discurso protetor continha um outro – o da condenação. Quando esse trabalho era indispensável, o discurso médico procurou normatizá-lo. Buscam-se melhores condições no processo de trabalho, denunciando e defendendo a licença-maternidade e aleitamento, questionando o trabalho noturno. MATOS, Maria Izilda Santos de. *Trama e poder*. 3. ed. Rio de Janeiro, Sete Letras, 1997.

3 CABRAL, Ponciano. “Contra o alcoolismo”. *Revista Médica de São Paulo*, 12(23): 467-473, 1909.

Além do mais, os filhos de pais alcoólatras recebiam o vício como herança, apresentavam alterações da vontade, persistência, atenção e percepção, perdiam o senso moral, abandonavam a escola, descambavam para o hábito de beber, tornavam-se alcoólatras, caminhavam para a vagabundagem, para o crime, para os hospícios e penitenciárias.⁴

Apontava-se a existência de três grandes fatores da decadência do “povo brasileiro”: o alcoolismo, a loucura e a criminalidade, associados às três grandes enfermidades populares degeneradoras: o alcoolismo, a tuberculose e a sífilis.⁵

Várias foram as pesquisas localizadas sobre o alcoolismo, porém, todas são parciais e carregam dificuldades para que se possa efetuar uma análise mais detalhada, mas uma em particular, a realizada pelo médico Sampaio Eurico, apresentou um quadro mais completo de informações, onde pode ser recuperado um perfil social, étnico, de gênero e ocupação dos alcoólatras.

Esta investigação realizada entre os alcoólatras hospitalizados no Rio de Janeiro em 1922, num total de 280 pacientes, detectou quanto ao gênero que os homens eram o dobro das mulheres; quanto à instrução, 95% eram ou analfabetos ou com instrução rudimentar; quanto à idade, a maioria tinha entre 25 e 55 anos; quanto ao recorte étnico, a presença negra era um destaque (justificada pelo autor como “falta de resistência ao tóxico e tara hereditária”) e entre os imigrantes aparecia alto índice de portugueses; quanto à ocupação, os lavradores e trabalhadores urbanos eram os mais atingidos, e entre as mulheres as cozinheiras concorriam com um amplo contingente, seguidas das domésticas e lavadeiras; quase todos eram elementos oriundos das “classes inferiores”.

A documentação faz a descrição dos alcoólatras, de seus sintomas e de suas diferentes manifestações: o alcoolismo em estado agudo, que é a embriaguez, ou em seu estado crônico, que gera hábito e necessidade, provocando o vício e o “envenenamento”. A persistência no alcoolismo pode levá-lo a tornar-se um “cretino alcoólico”, com ausência completa da razão, absoluta privação da racionalidade, indo em contraponto ao preceito que afirma que homem que é homem é identificado como racional, não se deixar mover por instintos, nega-se nele a masculinidade frente à ausência desse elemento, apregoando aos homens a racionalidade.

“O álcool embrutece, avilta e coloca o homem em uma esfera muito inferior à que lhe pertencia, diminui consideravelmente o grau de atividade intelectual, da capacidade para o trabalho, a memória, intercepta a compreensão; a associação de idéias, o raciocínio, (...) tornam o indivíduo lerdo e obtuso, a indiferença emotiva alterna-se com uma excessiva irritabilidade que conduz facilmente à violência”.⁶

O uso do álcool apagava a inteligência no homem, acentuava a mudança do caráter, provocando uma excitação fugaz, seguida de abatimento nervoso, impulsões

4 MONTELEONE, Pedro. *Os cinco problemas da eugenia brasileira*. FMSP, 1929. p. 61-66.

5 SAMPAIO, Eurico. *A influência do tipo social*. Rio de Janeiro, Typ. América, 1922.

6 MOSS, Benjamin. O álcool sob o ponto de vista médico-legal civil e criminal. Op. cit., p. 24.

violentas, apatia considerável, cólera intensa, principalmente nas discussões, “termina abandonando os seus”⁷. O alcoólatra perdia toda a energia, noção de honra e de conduta pública, do afeto pela família e amigos, das obrigações para a sociedade, podendo caminhar para a obsessão, para o impulso criminoso⁸, além dos males que deixava para a prole, degenerando a raça.

Nas entrelinhas das descrições das diferentes faces de manifestações alcoólicas, percebem-se características do perfil de masculinidade idealizado, mostrando o “não-deve-ser” masculino, reforçando o que o homem deveria ser. O discurso, ao pontuar como o alcoólatra perdia a dignidade, como o álcool imbecilizava os homens, levando-os à bancarrota, à animalização, à perda do sentimento ético, à indisciplina, transformando os homens em “feras”, apregoava o homem digno, disciplinado, racional e reto, adepto da perfeição moral, da cultura, do sentimento ético e da ordem, construtor do progresso pelo trabalho e disciplina. “Qual de vós reconhece na palavra de um alcoolista o sentimento de dignidade, que deve preponderar na auréola de um homem que tem brio e que tem honra?”⁹. O álcool, mais que matar, desonrava, feria a dignidade masculina, sua honra, seu brio.

Ao afirmar que o álcool frutifica no espírito dos fracos, o discurso apregoa uma masculinidade em que os homens deveriam se mostrar sempre fortes, racionais e capazes, limitavam e ocultavam suas expressões de sentimentos, vivendo quase que exclusivamente em campos competitivos, sendo os homens educados para serem fortes, trabalhadores, capazes de sustentar a família, para não fracassarem e para ter expectativas de relações sexuais heterossexuais.

INIMIGOS DA TRANQUILIDADE: ÁLCOOL E CRIME

Afirmava-se que o álcool tornava os homens embrutecidos, selvagens, feras, primitivos, trazendo à tona todos os seus instintos bárbaros, irracionais e bestiais. Sua razão tornava-se obtusa, com falta de raciocínio e perda da autocrítica. Assim, apontava-se que o uso do álcool desintegrava o caráter moral, alterando o raciocínio, ao mesmo tempo despertando “certos instintos” brutais no homem, estimulando a ferocidade, as paixões, os ciúmes, e nessas condições facilitando o crime¹⁰. Essas afirmações reforçavam que o homem devia ser equilibrado, civilizado e educado para viver em sociedade, cumprir seu papel e primar pela razão.

7 CABRAL, Ponciano. “Contra o alcoolismo”. *Revista Médica de São Paulo*, 12(23): 467-473, 1909.

8 EGGERS, Oswaldo. “Resultados da Soroterapia Anti-ethylica”. *Archivos de Biologia*. São Paulo, 4(43/44): 713-719, 1920.

9 VIEIRA, F. Marcondes. “A hereditariedade alcoólica”. *Archivos Paulistas de Hygiene Mental*. São Paulo, Oficinas Gráficas do Hospital do Juquery, 1930. p. 27.

10 ALMEIDA, Waldemar. “Discurso contra o alcoolismo”. *Archivos Brasileiros de neuropsiquiatria e psiquiatria*. Rio de Janeiro, Typ. Besnard Freres, 1919. p. 432-437.

Nesses discursos, o alcoolismo aparece intimamente ligado ao desequilíbrio, inclusive mental, chegando a ser diretamente relacionado à loucura e ao crime. Afranio Peixoto afirma:

“Estes prejuízos intelectuais e afetivos somam-se aos prejuízos éticos: violento, sem escrúpulos, o alcoolizado espanca, extorque, rouba, viola, para satisfazer a um desejo de momento, ou à necessidade de obter mais para beber”.¹¹

As discussões em torno do alcoolismo como fator induzente ao crime estiveram centradas nos estudos de medicina legal. Muitos criminosos eram absolvidos ou conseguiam diminuir suas penas simulando “loucura alcoólica”, alegando não serem responsáveis pelos seus atos (completa privação dos sentidos) no momento do crime por estarem alcoolizados. Essa prática acirrou a polêmica em torno de saber se o alcoólatra perderia suas faculdades mentais e por isso cometeria o crime, eximindo-se assim sua responsabilidade criminal. Julgando permissiva a legislação, alguns médicos e juristas defendiam que o estado de alcoolismo, na prática do delito, deveria ser um agravante do crime e não seu atenuante.

Era freqüente estabelecerem-se as relações loucura-alcoolismo e crime-alcoolismo, havendo uma certa unanimidade de que o álcool levaria à loucura e ao delírio. Assim, na fase mais aguda do alcoolismo apareceria a sistematização de sintomas: o alcoólatra era dominado pelo medo, delírio de perseguição, tornava-se esquivo, covarde, e apresentava delírios de ciúmes, vivendo preso ao despeito e identificando em tudo a infidelidade conjugal. Um dos crimes mais comuns cometidos por alcoólatras eram os denominados “crimes de ciúmes”, decorrentes da “loucura de ciúmes” ou “ciúmes alcoólico”.

Vários casos da patologia denominada “ciúmes alcoólico” são referendados, descritos na documentação consultada. O álcool deixaria mais explícita no homem a preocupação com a fidelidade da companheira. A identidade masculina se consubstancia na ética da justiça e na noção de honra, e esta é definida pela conduta moral feminina familiar (esposa fiel e filha virgem). Assim, a virilidade, além da freqüência e potência da prática sexual, implica um constante teste da capacidade de controle do comportamento feminino. Tal configuração cultural promove um sistema de relações com alto grau de tensão e dirupção, e ainda a emergência nada ocasional da violência.¹²

O discurso centrado na loucura alcoólica constrói um perfil de masculinidade que reforça o homem invulnerável e agressivo. A legitimidade social da agressão transformou-se para o homem em sinônimo de iniciativa. Incorporada à sua identidade, a agressão passou a ser, para o homem, elemento de constituição que, sobreposto à virilidade, produz e alimenta a violência, muitas vezes provocada por alucinações e delírios causados pelo álcool.

11 PEIXOTO, Afranio. *Elementos de medicina legal*. p. 89.

12 HEILBORN, Maria Luíza. *Gênero e especificidade da condição feminina*. Rio de Janeiro, CIEC/UFRJ, 1990.

AS MULHERES, O ALCOOLISMO E A LUTA ANTIALCOÓLICA

As campanhas antialcoólicas consideravam o alcoolismo um problema majoritariamente masculino. Mesmo com dados esparsos e variáveis, pode-se perceber isso em várias informações, como na investigação realizada no Juqueri pelo médico Pacheco da Silva: entre 348 internados do sexo masculino, 130 (37,5%) faziam uso do álcool; das 156 mulheres, somente 13 (8,3%).

Embora alguns autores tenham apontado o crescimento rápido do alcoolismo entre as mulheres, devido “aos perigos da vida moderna”, no vasto material consultado as referências de casos clínicos femininos são raras. Os dados disponíveis apontam clara preponderância masculina no alcoolismo, mas não se pode deixar de levantar a hipótese de que o alcoolismo feminino estivesse ocultado.

Se o alcoolismo masculino gerava indignação, o alcoolismo feminino provocava incompreensões ainda maiores. Apontava-se a maternidade como incompatível com o alcoolismo, a alcoólatra grávida intoxicava o feto, a lactante viciava o filho (causando convulsões, insônia, irritabilidade nervosa).

O discurso como um todo não isenta a mulher: a esposa é acusada pelo alcoolismo e pelas saídas do marido, ela tem a obrigação que criar na casa um ambiente saudável e acolhedor onde o trabalhador possa encontrar o aconchego depois de um dia de trabalho.

Nessas referências esparsas à mulher alcoólatra a figura feminina que aparece com frequência é a da esposa, mãe dedicada, vítima do alcoolismo do marido, sendo chamada a aderir às campanhas antialcoólicas:

“(...) a mulher representa um papel saliente e indispensável na profilaxia do alcoolismo. Talvez seja ela a maior vítima da intoxicação alcoólica, quer sofrendo as brutalidades e as misérias de pais e maridos alcoólatras... Ensinada destes perigos e destas desgraças, certo não haverá na profilaxia do alcoolismo colaboradora mais eficiente nem mais devotada”.¹³

Destacando a mulher como uma vítima do alcoolismo, de suas conseqüências, vítima das brutalidades do marido e pai alcoólatra, vítima de um lar dissipado, tendo a fortuna dilapidada e sendo dirigida para miséria frente à falta do provedor, somando-se aos malefícios físicos a ela e aos filhos em decorrência do caráter hereditário do alcoolismo.

Destacando a importância de sua ação, o texto clama as mulheres para uma adesão à luta antialcoólica. Essas mulheres são chamadas a aderir à luta “patriótica” da liga antialcoólica:

“A mulher brasileira, boa, carinhosa, e sempre disposta às grandes ações e aos constantes sacrifícios pela família (...) mas uma mulher com educação mais ampla e sólida

13 BRITTO, Alfredo. “O alcoolismo e a mulher”. *Arquivo Brasileiro de Higiene Mental*, (3): 204-05, 1930.

da, mais livre e de mais coragem (...) que transforma a sociedade, os costumes (...) mulher mãe que consubstancia a civilização, a musa inspiradora dos feitos ingentes, a camarada, a confidente do homem, a cooperadora ideal e imprescindível na luta contra o vício degradante, formemos a liga antialcoólica, tomando a mulher brasileira como protetora...”¹⁴

Por estar mais presente no espaço público, o homem se encontrava mais próximo dos “perigos modernos”, de forma que precisaria ser reeducado, retornando para o seio da família. Constrói-se um discurso onde a mulher é identificada como nobre, com bons instintos; dentre as suas responsabilidades, cabe a ela zelar pela saúde e bem-estar dos membros da família, sendo sua função e posição dentro da família considerada essencial.

A educação da mulher propalada pelo discurso visava criar uma “nova mulher” submetida à tutela médica, que deveria se constituir num agente familiar da higiene social, o novo baluarte da moral da sociedade. A educação feminina torna-se essencial para minimizar os efeitos que os aspectos da constituição feminina possam ter sobre o social. Assim, mediante a educação, pretendia-se o aperfeiçoamento físico e moral da mulher e, por meio dela, do marido e dos filhos.

Destacando que a mulher tem por natureza aptidões para os cuidados com a infância e é responsável pela família, o discurso médico levou-a a uma valorização positiva dentro do lar, ampliando os poderes femininos no privado, tornando-a mais operante e delegando-lhe um novo estatuto, fazendo com que as mulheres se reconhecessem dentro dessa esfera e se esforçassem dentro da unidade familiar e não fora dela. Entretanto, enquanto posicionava as mulheres no centro da família privilegiava os homens no espaço público.¹⁵

○ ESPAÇO DO PERIGO: O BAR, O BOTEQUIM

Desde os anos finais do século XIX a problemática da cidade foi sendo delineada enquanto questão – a chamada *questão urbana* –, encontrando-se atravessada pelos pressupostos da disciplina e da cidadania, passando a cidade a ser reconhecida enquanto espaço de tensões. Uma das vias a focalizar a cidade como uma “questão” foi a higiênico-sanitarista, conjugando o olhar médico com a observação/transformação do engenheiro, junto a uma política de intervenção de um Estado planejador/reformador por meio da “racionalidade e objetividade” da ciência, que tem função-chave na sua luta contra o “arcaico pela ordem e progresso”¹⁶. Tal questão associava-se ao desejo já latente e generalizado de “ser moderno”, em que a cidade aparece como sinônimo de progresso em oposição ao campo.

14 CABRAL, Ponciano. *Contra o alcoolismo*. Op. cit., p. 467-473.

15 LUZ, M. T.; NUNES, Sílvia Alexim. – 1982.

16 MATOS, Maria Izilda Santos de – 1998.

Conjuntamente à questão urbana constrói-se a questão social, com o surgimento da pobreza e a identificação do outro – o pobre, o imigrante, o negro –, que necessitava ser educado, “civilizado”, eliminando-se-lhes todos os vícios, entre eles o alcoolismo.

O discurso médico veiculado em torno do moderno identifica-o com o científico, civilizado e emancipado. Mas o moderno não era visto apenas no seu aspecto positivo, pois era apresentado também como um perigo.

“Concordemos que nas cidades modernas tudo age no sentido de estimular o apetite sexual; o luxo, a libertinagem, a tendência que impele às diversões, ao teatro, à dança, ao bar, mas principalmente ao cabaré. A estas causas, temos recentemente que juntar a influência avassaladora do cinema, reconhecendo como a inspeção dos filmes é letra morta, (...) e a pornografia”.¹⁷

O processo de urbanização e industrialização emergente trazia a preocupação com a ordem e o trabalho. Criava-se a necessidade de diferenciar o espaço do trabalho de outros espaços, estabelecendo-se uma divisão cada vez mais clara no urbano. O discurso médico acompanhou tais mudanças, apresentando o bar, cabaré, botequim como espaços públicos, em contraposição à fábrica, à oficina e ao escritório, espaços do trabalho, e ao espaço do lar.

Em contraponto a uma visão idílica do lar como espaço balsâmico da paz e da felicidade conjugal, aparecem outros espaços focalizados negativamente, como perigosos e de descaminhos, os de convívio particularmente masculinos: o bar, a taberna, o botequim, pontos de encontro para beber.¹⁸

“Essa aptidão para a delinquência e para o crime, adquirida, brota e prolifera da ociosidade em que vivem e do meio social em que convivem nas tavernas, onde geralmente permanecem dia e noite, no jogo, cercados de outros tantos viciosos, onde aprendem os vícios e crimes...”¹⁹

Nos espaços, e com eles, delineiam-se as funções e estabelecem-se as relações entre os gêneros. A casa, além de refúgio, é o espaço onde o homem deve ser o arrimo da família, trabalhador esforçado, provedor do sustento para a mulher. O lar também é o espaço onde se explicitam as funções femininas da “rainha do lar”, além do *locus* idealizado de um casamento feliz. A mulher não está isenta de responsabilidade, deve criar na casa um ambiente saudável e acolhedor onde o homem-provedor possa voltar e encontrar aconchego de descanso depois de um dia

17 MORAES LEME, José Benedicto. *O problema venéreo*. FMCS, 1926, p. 81.

18 Na cidade de São Paulo, onde era grande a venda e consumo de aguardente, em 1928 foram concedidas 6.349 licenças para casas que vendiam bebidas alcoólicas, e em 1929, 6.586, o que correspondia a uma dessas casas por 152 habitantes. TAVARES, R. “O alcoolismo em São Paulo”. *Boletim de Eugenia*. Rio de Janeiro, [s.n.], 1931, p. 7-8.

19 MOSS, Benjamin. *O álcool sob o ponto de vista médico-legal civil e criminal*. Op. cit.

de trabalho. A esposa deve ser prestativa ao marido e estar sempre disposta sexualmente²⁰, chegando a ser acusada pelo alcoolismo e pelas “saídas sexuais” do marido.

A preponderância do alcoolismo masculino é justificada pela maior facilidade dos homens em ir às casas de bebidas, pontos de reunião de homens, pela maior liberdade masculina de circulação no espaço público. Para corrigir esse hábito defende-se, além da ação feminina no lar (o privado é identificado com o *locus* de realização das potencialidades femininas), a existência de divertimentos públicos gratuitos e saudáveis, como bibliotecas.

Nesse sentido, reforça-se constantemente nas campanhas a proposta para coibir o uso do álcool, a regulação da venda de bebidas nos bares, tabernas e botequins. Propõem-se multa aos donos de botequins e tabernas que sirvam bebida a indivíduos já embriagados. Defende-se o fechamento dos botequins a partir das 19 horas nos dias úteis e nos sábados, e nos domingos e feriados durante todo o dia. Tenta-se ainda, insistentemente, a elevação dos impostos sobre a venda de bebida e sobre esses estabelecimentos.

MÚSICA E HISTÓRIA

A produção musical se apresenta como um corpo documental particularmente instigante para a análise histórica, já que as canções por muito tempo constituíram um dos únicos documentos sobre certos setores relegados ao silêncio, aqui em pauta: o ébrio. A música também é apontada como uma das únicas instâncias públicas em que o homem se permite falar com sinceridade sobre seus sentimentos com relação à mulher, confessando suas angústias, medos, fraquezas, dores e desejos.²¹

Não se identifica a produção musical como reflexo, as músicas aparecem como elementos do imaginário, entrelaçando-se num processo interno de influência mútua, ou seja, simultaneamente constituintes e constituídas, em que os perfis de gênero são simultaneamente produto e processo, que em sua repetição e circularidade produz e reproduz sistemas que organizam, expressam e regulam comportamentos. Nas canções, os perfis retornam, circulam, interpenetram-se, transformam-se e refletem as imagens ideais do masculino-feminino e a sua inversão – o “não deve ser”.²²

20 GUIMARÃES FILHO, Álvaro. *Da higiene mental e sua importância em nosso meio*. FMSP, 1926.

21 OLIVEN, Ruben George – 1987.

22 Os padrões e perfis não são pura e simplesmente impostos, nem o processo de modelização se apresenta absoluto, existindo sempre a possibilidade de múltiplas articulações e interpretações, oscilando entre dois pólos: uma relação de alienação e opressão na qual o indivíduo submete-se à subjetividade tal como é recebida, ou uma relação de expressão, criação e resistência, na qual o indivíduo se reapropria dos componentes da subjetividade e os transforma, produzindo um processo de singularização. A subjetividade não existe anteriormente ao imaginário,

Para a presente análise foram selecionadas as canções²³ de dois compositores da MPB: Vicente Celestino²⁴, que no período em foco fez grande sucesso com a música *O ébrio*, além de ter em seu repertório outras músicas com a mesma temática, e Lupicínio Rodrigues²⁵, cuja ampla produção focaliza a experiência boêmia. Através dessas canções pretende-se focalizar a figura do ébrio e os espaços da boemia, além das relações e tensões que se estabeleceram entre os gêneros.

LÁ NO BAR AONDE EU VIVO

Os espaços, com suas imagens e sons, trazem representações fragmentárias como suporte de memórias diferentes, contrastadas, múltiplas. As canções falam do bar, do cabaré, da taberna, do botequim enquanto espaços públicos, em contraposição ao lar. Nas canções percebe-se num primeiro momento uma certa valorização dos espaços de convívio boêmio – o bar, a taberna, o botequim – enquanto pontos de encontro de amigos, para beber e conversar, identificados como espaço de homosociabilidade, já que o homem deve priorizar a amizade de outros homens. Assim, o masculino tem territórios – o bar – e valores compartilhados.

A solidariedade masculina é um sentimento explicitamente positivo, em detrimento das relações com as mulheres, marcadas pela divergência, falsidade e dor, sendo o bar identificado como um espaço de fuga às cobranças e pressões do lar, ou seja, da mulher. No lar, no convívio da família que ele próprio construiu, se sente incapaz, impaciente, desconfortável, mas ao mesmo tempo tem necessidade dele. O vazio o leva a procurar a bebida e o convívio etílico para suprirem, de alguma forma, a lacuna.

Todavia, essas imagens não são as únicas, em algumas composições o lar é geralmente representado com um ranço de negatividade, identificado com a monotonia, a desarmonia e o espaço da divergência, em outras aparece idealizado como refúgio, abrigo, espaço balsâmico da paz e da felicidade conjugal.

“É por isso que eu gosto
Lá de fora

pois se constitui em latência constante através de imagens, palavras, afetos e perfis que circulam incessantemente no social. GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely – 1986.

- 23 Utilizar-se-á o termo canção em lugar de música “num sentido lato, isto é, abrangendo principalmente a letra, o universo que verbaliza cantando”. MARTINS, José de Souza – 1975.
- 24 Antonio Vicente Filipe Celestino, cantor, ator e compositor, nascido no Rio de Janeiro, em 1894. Trabalhou em teatro de revista, óperas e operetas, organizou sua própria companhia e excursionou várias vezes pelo país, o que fez aumentar sua grande popularidade em particular nos anos 20 e 30. Gravou 137 discos, num total de 265 músicas, muitas de sua própria autoria.
- 25 Lupicínio Rodrigues, nascido em Porto Alegre em 1914, consagrou-se no estilo samba-canção. Considerado o mais expressivo poeta de cabarés, de suas histórias e de seus personagens, Lupicínio sempre procurou ressaltar que jamais escrevera algo que não contasse experiências, situações, emoções, episódios vividos por ele ou por seus amigos, sendo em alguns momentos, drasticamente fiel a essa experiência, que o levava a transmitir intensamente o cotidiano, pleno de violência, rancor, paixão, envolto numa trama por ele contada melodiosamente. MATOS, Maria Izilda Santos de; FARIA, Fernando Antonio – 1996.

Porque sei que a falsidade
 Não vigora”²⁶
 “Você parece uma brasa
 Toda vez que eu chego em casa
 Dá-se logo uma explosão...
 Quando passo as noites fora
 Não venho em casa almoçar
 É que as mulheres da rua
 Têm alma melhor que a tua
 Sabem melhor me agradar
 Se às vezes eu me demoro
 É diminuindo a hora
 Para contigo eu estar
 Se apagasse esta brasa
 Eu não sairia de casa
 Dia e noite a te adorar”²⁷

○ ÉBRIO APAIXONADO E A INGRATA CRIATURA

Tanto nas composições de Vicente Celestino como de Lupicínio Rodrigues, a magoa leva ao desvio na conduta masculina, geralmente atribuído ao mau proceder feminino:

“Eles dizem que eu bebo demais
 e que sou um vagabundo
 Todos falam que sou um perdido
 Um perdido pro mundo
 Quando eu passo os falsos amigos,
 De mim acham graça
 E murmuram: Ali vai
 um ébrio cheirando a cachaça
 Eles falam
 porque não conhecem o meu drama real,
 Esta vida que levo, bem sei,
 não é vida normal
 Vou contar a vocês minha história
 Este drama que me destruiu
 Tive alguém que amei com loucura
 E este alguém me traiu”⁽²⁸⁾

Nas composições o comportamento feminino aparece dotado de diferentes significados, geralmente negativos e desqualificadores. Assim, a mulher é um ser

26 *Felicidade*, Lupicínio Rodrigues.

27 *Brasa*, Lupicínio Rodrigues.

28 *Minha história*, Lupicínio Rodrigues.

essencialmente perigoso, duvidoso, instável, volúvel e falso. Os versos denunciam a duplicidade feminina: sob a aparência frágil e dócil, ocultam-se a falsidade e a ingratidão.

A concepção negativa do feminino na composição assume o papel de contraste e de reforço aos seus aspectos desejáveis. Apregoa-se a mulher voltada às funções de esposa e mãe, a mulher devendo ser sincera, caseira, fiel e não mentirosa, enganadora e interesseira. Deixando claro o que se espera delas: honestidade, fidelidade, castidade e sinceridade, refreadas no lazer e no prazer, companheiras de todos os momentos, compreensivas, mesmo nas dificuldades.

Em contraponto, o homem deve ser trabalhador e provedor, enquanto o “não-deve-ser” masculino diz respeito ao vagabundo, ébrio, “perdido para o mundo”. A referência é o mundo do trabalho; logo, o homem deve ser trabalhador, ordeiro e bom pai de família. Em 1936, Vicente Celestino fez grande sucesso com sua composição *O ébrio*. No mesmo ano estreou a peça homônima, depois transformada em filme dirigido por Gilda de Abreu e em novela, em 1965 na antiga TV Paulista (Globo). Na canção ele canta e interpreta *O Ébrio*:

“Nasci artista. Fui cantor, ainda pequeno levaram-me para uma escola de canto. O meu nome, pouco a pouco foi crescendo, crescendo, até chegar aos píncaros da glória. Durante a minha trajetória artística tive vários amores. Todas elas juravam-me amor eterno, mas acabavam fugindo com outros, deixando-me a saudade e a dor. Uma noite, quando eu cantava *A Tosca*, uma jovem da primeira fila atirou-me uma flor. Essa jovem veio a ser mais tarde a minha legítima esposa. Um dia, quando eu cantava *A Força do Destino*, ela fugiu com outro, deixando-me uma carta, e na carta um adeus. Não pude mais cantar. Mais tarde, lembrei-me que ela, contudo, me havia deixado um pedacinho de seu eu: a minha filha. Uma pequenina boneca de carne que eu tinha o dever de educar. Voltei novamente a cantar mas só por amor à minha filha. Eduquei-a, fez-se moça, bonita... e uma noite, quando eu cantava ainda mais uma vez *A Força do Destino*, Deus levou a minha filha para nunca mais voltar. Daí pra cá eu fui caindo, caindo, passando dos teatros de alta categoria para os de mais baixa. Até que acabei por levar uma vaia cantando em pleno picadeiro de um circo. Nunca mais fui nada. Nada, não! Hoje, porque bebo a fim de esquecer a minha desventura, chamam-me ébrio. Ébrio...

I

Tornei-me um ébrio e na bebida, busco esquecer
 Aquela ingrata que eu amava e que me abandonou;
 Apedrejado pelas ruas vivo a sofrer;
 Não tenho lar, nem parentes, tudo terminou.
 Só nas tabernas é que eu encontro meu abrigo,
 Cada colega de infortúnio é um grande amigo.
 Que embora tenham como os seus sofrimentos,
 Me aconselham e aliviam os meus tormentos.

II

Já fui feliz e recebido com nobreza até,
 Nadava em ouro e tinha alcova de cetim

E a cada passo um grande amigo que depunha fé,
 E nos parentes ... confiava sim.
 E hoje ao ver-me na miséria tudo vejo então
 O falso lar que amava e que a chorar deixei
 Cada parente, cada amigo era um ladrão,
 me abandonaram e roubaram o que amei.

III

Falsos amigos eu vos peço e imploro a chorar,
 Quando eu morrer na minha campa nenhuma inscrição,
 Deixai que os vermes pouco a pouco venham terminar
 Este ébrio triste este triste coração.
 Quero somente que na campa em que eu repousar
 Os ébrios loucos como eu venham depositar
 Os seus segredos ao meu derradeiro abrigo
 Suas lágrimas de dor ao peito amigo (29).

Descreve-se uma situação anterior harmoniosa, de felicidade, prosperidade e riqueza, cercado de amigos e familiares, seguida de um fato que rompe com esse estado. O desacerto é causado pelo mau proceder da mulher, cuja falsidade e infidelidade o leva ao abandono e à bebida. A narrativa justifica o não deve ser masculino pelo mau proceder da mulher.

O ser homem e o ser mulher nas canções são antes de tudo papéis sociais e culturais. As diferenças e as semelhanças entre os gêneros são apontadas pelos compositores, mas nos dois procedimentos o homem sempre se apresenta dependente da mulher. Enquanto o homem é fundamentalmente sincero, honrado e generoso, é apresentado como mais sedentário, a mulher é em sua essência falsa, portanto ingrata, traidora, volúvel porque não sabe amar, abandonando o lar construído pelo homem como testemunho da solidez deste amor. Evidenciam-se assim pares de oposição, nos quais o masculino é colocado positivamente em contraponto ao feminino.

Nas composições pode-se perceber o entrelaçamento das imagens femininas e masculinas, que se constituíram num processo interno de influência mútua: ao mesmo tempo que contêm críticas à ordem estabelecida, determinam as características ideais do masculino e do feminino. Nelas, identidade e diferenciação são faces de um mesmo processo permeado pelo poder.

DESVENDANDO A TRAMA DOS DISCURSOS

O conjunto dos discursos produzidos pela medicina sobre o alcoolismo e a luta antialcoólica apresentou um caráter repetitivo de certas informações, idéias e argumentos, atestando a existência de um certo elemento tido como apropriado a uma narrativa médica e denotando um certo padrão de explicação da realidade.

29 *O Ébrio*, Vicente Celestino.

Os textos deixavam transparecer, por detrás de um aparente discurso linear, a existência de outros planos discursivos inter-relacionados, mas neles são distinguíveis as articulações estabelecidas entre os interesses políticos emergentes de setores urbanos hegemônicos (patronato industrial), do nascente governo republicano, e de setores médicos, caso da construção das oposições trabalho x álcool e das identificações trabalho = masculinidade, masculinidade = provedor.

Os discursos concentrados na diferenciação das determinações biológicas reforçam uma perspectiva essencialista dos gêneros, com a idéia de que os homens são fortes, viris e talhados para as hostilidades do trabalho e do espaço público e de que as mulheres são nutridoras, compassivas e aptas para cuidar das crianças e do lar. Assim, pela sua repetição e circularidade, o discurso antialcoólico, ao denunciar como o álcool poderia distanciar o homem do trabalho e de sua função de provedor, marido fiel, atencioso com os filhos, determinava simultaneamente os espaços, áreas de atuação e os perfis ideais do masculino e do feminino.

A produção musical aqui analisada, como o discurso médico, ordenou e classificou o real através de versos que procuraram dar “naturalidade” a estas construções. Ao contrário do discurso médico, onde as mulheres são identificadas como vítimas do álcool (que atinge seus parceiros) e até heroínas na luta antialcoólica, os comportamentos femininos nas músicas foram dotados de diferentes significados, geralmente negativos e desqualificadores. A versão da mulher mais presente é a que representa a falsidade, infidelidade e traição.

As canções centradas no ébrio-apaixonado, assim como o fizeram com as mulheres, reforçaram uma essência masculina. Frente à mulher com sua essência falsa, ingrata, traidora, volúvel, o homem é fundamentalmente sincero, generoso, firme, honrado, aquele que construía o lar como testemunho da solidez do amor. Evidenciam-se pares de oposição, nos quais o masculino é colocado positivamente em contraponto ao feminino. Do mesmo modo, em oposição ao ébrio, “perdido para o mundo”, “vagabundo”, o homem devia ser trabalhador, provedor, bom pai.

Nas canções, as relações entre os homens encontram-se permeadas de solidariedade. São, portanto, relações positivas, ao contrário das relações homem-mulher, envolvidas em muita dor, traição, solidão que levam o homem ao descaminho. A mulher ingrata que abandona ou trai, ferindo a honra masculina em geral com um amigo, sendo a culpada pelo encaminhamento para a bebida, jogando-o na sarjeta. O ébrio é aqui representado como uma vítima, que teve sua essência e sua trajetória desviadas pelo mau proceder feminino.

Cabe lembrar que a construção das representações de gênero nesses discursos (médico e nas canções) se fez por meio da tecedura de uma trama em que estiveram presentes as relações de poder, constituindo-se um processo dinâmico onde os perfis de comportamento de gênero se fazem, se desfazem, circulam e se refazem. O entrelaçamento das imagens femininas e masculinas, se dá num processo interno de influência mútua, ou seja, simultaneamente constituintes e cons-

tituídas, sendo a construção das imagens culturais de gênero simultaneamente produto e processo de sua representação.

As representações masculinas e femininas construídas nesses discursos não só consolidam diferenças como contêm hierarquias. Ao mesmo tempo que manifestam críticas à ordem estabelecida, determinam as características ideais do masculino e do feminino. Exagera-se nas diferenças, minimizam-se as características comuns, assim definem-se e estabelecem-se hierarquias. *Identidade e diferenciação* surgem como faces de um mesmo processo permeado pelo poder. Cabe destacar, no entanto, que não há uma masculinidade ou uma feminilidade únicas, modelos universais, válidos para todos os tempos e lugares. São imagens de poder que explicitam visões mais voltadas para o “deve ser” do que para o “ser”, num processo de construção das representações de gênero regido por uma dinâmica de relações de dominação e exclusão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Gilda. *A vida de Vicente Celestino*. Rio de Janeiro, Cupolo, s.d.
- AMELANG, James; NASH, Mary. *Historia y Género: las mujeres en la Europa moderna y contemporánea*. Valencia, Edicions Alfons el magnanim, 1990.
- ARAÚJO, Rosa Maria Barbosa. *A vocação do prazer: a cidade e a família no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.
- ARIES, P.; DUBY, G. *Historia de la vida privada*. Madrid, Taurus, 1989. Vol. 7 e 8.
- BADINTER, Elisabeth. *XY sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1993.
- BRESCIANNI, M. Stella Martins. “A mulher e o espaço público”. In: *Jogos da política*. São Paulo, Marco Zero/ANPUH, 1992.
- BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo, UNESP, 1992.
- CARVALHO, José Murilo de. *Os bestializados da República*. São Paulo, Companhia das Letras, 1987.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim*. São Paulo, Brasiliense, 1996.
- DUBY, G.; PERROT, M. *Historia de las mujeres: el siglo XX*. Madrid, Taurus, 1993.
- FAUSTO, Boris. *Trabalho urbano e conflito social (1890-1920)*. 3. ed. São Paulo, Difel, 1983.
- FOUCAULT, Michel. *O nascimento da clínica*. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1980.
- FREIRE Costa, J. *Ordem médica e norma familiar*. Rio de Janeiro, Graal, 1979.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. *Micropolítica: cartografia do desejo*. Petrópolis, Vozes, 1986.
- HEILBORN, Maria Luiza. *Gênero e especificidade da condição feminina*. Rio de Janeiro, CIEC/UFRJ, 1990.
- LENKIEWICZ, Noemi E. “El ser mujer: identidad, sexualidad y reproducción”. In: OLIVEIRA, Orlandina. *Trabajo, poder y sexualidad*. México, El Colegio del México, 1989.
- LE ROY LADURIE, E. *Le paysans de Languedoc*. Paris, Flammarion, 1969.
- LUZ, M. T. “Lar e a maternidade: instituições políticas”. In: *O lugar da mulher*. Rio de Janeiro, Graal, 1982.
- MARTINS, José de Souza. “Música sertaneja: dissimulação na linguagem dos humilhados”. In: *Capitalismo e tradicionalismo*. São Paulo, Pioneira, 1975.
- MATOS, Maria Izilda Santos de. *Trama e poder*. Rio de Janeiro, Sette Letras, 1996.
- MATOS, Maria Izilda Santos de; FARIA, Fernando Antonio. *Melodia e sintonia: o masculino e o feminino em Lupicínio Rodrigues*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 1996.

- MATOS, Maria Izilda Santos de. "Cidade: experiências urbanas e a historiografia. In: *Cidades brasileiras: políticas urbanas e dimensão cultural*. São Paulo, IEB/USP, 1998.
- _____. *Dolores Duran: experiências boêmias em Copacabana nos anos 50*. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, s.d.
- _____. (org). *Gênero em debate: trajetória e perspectivas na historiografia contemporânea*. São Paulo, EDUC, 1997.
- MATOS, Cláudia Neiva de. *Acertei no milhar: malandragem e samba no tempo de Getúlio*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- MORSE, R. M. *Formação histórica de São Paulo*. São Paulo, Difel, 1970.
- NASH, M. *Presencia y protagonismo: aspectos de la historia de la mujer*. Barcelona, Ediciones del Serbal, 1984.
- NOLASCO, S. (org). *A desconstrução do masculino*. Rio de Janeiro, Rocco, 1995.
- NOLASCO, S. *O mito da masculinidade*. Rio de Janeiro, Rocco, 1993.
- NUNES, Sílvia Alexim. *Medicina Social e regulação do corpo feminino*. Rio de Janeiro, UERJ, 1982. Dissertação de Mestrado (mimeo.).
- OLIVEIRA, Orlandina. *Trabajo, poder y sexualidad*. México, El Colegio del México, 1989.
- OLIVEN, Ruben George. A mulher faz e desfaz o homem. *Ciência Hoje*. Rio de Janeiro, 2(376): 55, 1987.
- PERCHESKY, Rosalind. "Dissolving the hymen: a report on marxist feminist groups 1-5". In: EISENSTEIN. *Patriarcado capitalista y feminismo socialista*. México, Siglo XXI Editores, 1978.
- RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar: a utopia da cidade disciplinar, Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1985.
- _____. *Os prazeres da noite: prostituição e códigos da sexualidade feminina em São Paulo 1890-1930*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1991.
- REVEL, J.; PETER, J. "O corpo: o homem doente e sua história". In: LE GOFF, J.; NORA, P. *História: novos objetos*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.
- RIBEIRO, Maria Alice Rosa. *História sem fim... inventário da Saúde Pública*. São Paulo, UNESP, 1993.
- SALVADORI, Maria Angela Borges. "Malandras canções brasileiras". *Cultura e Linguagem – Revista Brasileira de História*, 7(17), 1986/87.
- SCOTT, Joan; POOVER, Mary. Feminism and Deconstruction *Feminist Studies*, Primavera 1988, p. 125-153.
- SENNET, Richard. *O declínio do homem público*. São Paulo, Companhia das Letras, 1988.
- SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu estático na metrópole*. São Paulo, Companhia das Letras, 1992.
- SHORTER, E. "Capitalism, culture and sexuality: some competing models". *Social Science Quarterly*, 53, set. 1972.
- TOTA, Antonio Pedro. *Samba da legitimidade*. São Paulo, FFLCH-USP, 1980. Dissertação de Mestrado (mimeo.).
- VERON, Eliseu. *A produção de sentido*. São Paulo, Cultrix, 1980.
- VEYNE, PAUL. *Como se escreve a História*, Brasília-DF, Ed. Universidade de Brasília, 1982.

Abstract: Recent historiographical analysis has looked favorably upon the roles of gender studies. This study intends to investigate masculine roles in medicine and music between 1890 and 1940, paying particular attention to inebriety and anti-alcoholism campaigns and the role of the bohemian and the bohemian life style of music.

Keywords: gender studies, anti-alcoholism, bohemian